

GÊNERO DISCURSIVO MULTIMODAL CHARGE: UMA (RE)LEITURA AMPARADA NAS RELAÇÕES INTERTEXTUAIS DOS NOVOS LEITORES

DISCURSIVE GENRE MULTIMODAL CHARGE: A (RE) READING SUPPORTED IN THE INTERTEXTUAL RELATIONS OF THE NEW READERS

**Ernani Cesar de Freitas
Viviane Demetrio da Silva Scariot
UPF**

Resumo: Este artigo apresenta a análise realizada em uma charge, a qual faz parte das inúmeras postagens referentes à rivalidade que existe no RS entre os torcedores da dupla grenal: Grêmio x Internacional. O objetivo geral visou estabelecer uma relação entre o texto verbalizado com o imagético e o poder de construção de sentido que se projeta com os diferentes tipos de leitores. A análise tem como suporte teórico as contribuições de Bakhtin (2016), com os conceitos de gênero discursivo; Kress (2000), com a multimodalidade; Grupo de Nova Londres (2000) e Rojo (2012), com os multiletramentos; Bazerman (2007), com a intertextualidade e Santaella (2004; 2013), quanto aos leitores contemplativo, movente, imersivo e, principalmente, o ubíquo. A pesquisa realizou-se de forma descritiva e bibliográfica, uma vez que partindo do aparato teórico escolhido foi sendo tecida a análise. Através desse artigo, foi possível evidenciar que as novas maneiras de ler e compreender os diferentes gêneros é desencadeada por elementos anteriores que dão sentido ao discurso através da ubiquidade.

Palavras-chave: Charge. Discursividade. Sentido. Ubiquidade.

Abstract: This article presents the analysis performed in a cartoon, which is part of the innumerable posts regarding the rivalry that exists in RS among the fans of the double grenal: Grêmio x Internacional. The general objective was to establish a relationship between the verbalized text and the imagery and the power of meaning construction that is projected with the different types of readers. The analysis has as theoretical support the contributions of Bakhtin (2016), with the concepts of discursive gender; Kress (2000), with multimodality; Group of New London (2000) and Rojo (2012), with multiliteracy; Bazerman (2007), with intertextuality and Santaella (2004; 2013), for readers contemplative, moving, immersive and, mainly, the ubiquitous. The research was carried out in a descriptive and bibliographical way, since starting from the chosen theoretical apparatus the analysis was woven. Through this article, it was possible to show that the new ways of reading and understanding the different genres is triggered by previous elements that give meaning to the discourse through ubiquity.

Keywords: Cartoon. Discursiveness. Sense. Ubiquity.

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho teve como tema norteador os novos tipos de leitores, (re)construídos ao longo da História, ancorados na teoria de Lucia Santaella (2004; 2013), percebido no gênero discursivo multimodal charge. A delimitação por essa linha de análise foi feita em virtude de que a leitura é o elemento desencadeador de comunicação entre os homens, sem a qual não é possível existir uma relação satisfatória de interação.

A contribuição desse estudo foi percebida na medida em que se constata que a língua somente assume seu papel comunicativo quando é posta em ação, ou seja, quando é utilizada por seres que buscam um “poder” pela palavra, através da troca de informações oportunizada pela fala.

A questão norteadora estabeleceu-se assim: o texto verbalizado e o imagético inseridos em um gênero discursivo multimodal – charge – estabelecem uma relação ampla de sentidos com os novos tipos de leitores. Para tanto, será levado em questão o fato de que o êxito dessa relação depende dos elementos linguísticos utilizados na construção do texto e compreendidos nas diferentes posturas leitoras que ampliam os sentidos.

O objetivo geral deste artigo foi analisar as relações intertextuais estabelecidas pelos diferentes tipos de leitores na comunicação, ou seja, posturas colocadas à prova pelas tendências tecnológicas da atualidade moderna, onde novas formas de ler e compreender o mundo são constantemente (re) formuladas. A análise mostrará que na charge a postura do leitor é fator diferencial na construção do sentido, pois acontece uma apropriação do uso da língua, inserido no contexto crítico-satírico.

A metodologia utilizada partiu da pesquisa bibliográfica descritiva. Os autores que embasam a análise são Bakhtin (2016), com os conceitos de gênero discursivo; Kress (2000), com a multimodalidade; Grupo de Nova Londres (2000) e Rojo (2012), com os multiletramentos; Bazerman (2007), com a intertextualidade e Santaella (2004; 2013), com os novos tipos de leitores, ubiquidade. Essa interligação de conceitos é necessária para compreender as múltiplas maneiras que um mesmo texto precisa ser explorado para significar.

A análise desenvolveu-se com abordagem qualitativa, porque levou em conta o conteúdo presente no texto, mostrando elementos sociais que estão representados através do poder de persuasão do outro pelo uso adequado do contexto linguístico, desencadeando a aceitação entre uma ou outra cor, um time ou outro, ou seja, ou Grêmio ou Internacional.

O trabalho em questão tem como *corpus* uma charge denominada *Grenal em família*, a qual foi publicada no Jornal Zero Hora, Revista Donna, datada de 24 e 25 de junho de 2017. Esse texto enquadra-se no gênero discursivo multimodal – charge –, pois faz uso da imagem dos interlocutores – personagens, para estabelecer o sentido global, ou seja, utiliza-se de outro recurso que não somente o verbal, com suas regras e nomenclaturas.

O gênero discursivo analisado é a charge, a qual é uma representação pictográfica, geralmente de caráter burlesco e caricatural, de fatos políticos ou, no texto em questão, social, que representa conhecimento das pessoas. Encontrada, principalmente, em jornais, em forma de desenhos, acompanhada por frases curtas. O autor das charges, o chargista, não é uma pessoa que somente sabe desenhar.

Também sabe expressar corretamente uma ideia. De preferência, deve fazê-lo de forma simples com o objetivo de produzir risos.

Geralmente esse humor é produzido pelo fato de o chargista assumir uma postura contrária e irônica em relação ao seu objeto de análise. Uma charge a favor dificilmente gerará riso, pois não é crítica face a um determinado elemento do real. Enfim, esse gênero discursivo multimodal relaciona-se a um fato diário ou semanal, representa o agora (temporalidade).

Este estudo está estruturado conforme as seguintes seções: fundamentação teórica, na qual são apresentados os principais elementos relacionados à discursividade, multimodalidade, intertextualidade e leitores contemplativos, moventes, imersivos e ubíquos; metodologia de pesquisa, onde são desenvolvidas as categorias relacionadas aos procedimentos metodológicos utilizados ao longo do trabalho; análise do corpus, na qual é possível relacionar a teoria apresentada com a prática, ou seja, com a língua em ação no processo comunicativo, e as considerações finais.

1 DISCURSIVIDADE, MULTIMODALIDADE, INTERTEXTUALIDADE: RELAÇÕES QUE ESTABELECEM SENTIDO

O *corpus* da pesquisa é o gênero discursivo multimodal charge, pois sua construção está relacionada às condições de produção do sentido, ao mesmo tempo, crítico e satírico. Em outras palavras, o modo como o texto foi elaborado e a forma como ele chegará até o seu público leitor, porque qualquer gênero utilizado vem impregnado de elementos anteriores, não nasceu do nada. Assim, constata-se que a intertextualidade é fator marcante e presente em todo e qualquer texto.

Não existe nenhum ato humano que não esteja atrelado à linguagem, em todos os momentos do cotidiano é necessário estabelecer a troca de palavras para entender o meio social em que se vive. Por isso que “cada enunciado particular é individual, mas cada campo de utilização da língua elabora tipos relativamente estáveis de enunciados, os quais denominamos *gêneros do discurso*” (BAKHTIN, 2016, p. 12). Qualquer atitude está marcada pelo processo de uso da língua, pois ela é o nosso mecanismo de comunicação com o outro e com o mundo e toda atividade de troca comunicativa encontra-se inserida em algum gênero, tendo em vista que eles fazem parte do processo de interação.

Dessa maneira, cada enunciado apresenta suas particularidades e seus objetivos bem definidos, por esse motivo é que são necessários vários gêneros para que a comunicação aconteça, uma vez que não é possível e nem viável comunicar-se sempre da mesma maneira, já que cada ocasião é única e exige uma forma específica de linguagem oral ou escrita.

Em todos os momentos comunicativos, os gêneros discursivos estão presentes, uma vez que não se pode interagir com o outro sem esperar dele uma resposta ao que lhe foi proposto, e isso acontece e direciona as novas formas de leitura porque as palavras selecionadas estão enquadradas em algum gênero com particularidades específicas.

Na concepção de XXXX (2011, p. 183), “os gêneros do discurso fazem parte de uma memória coletiva e a certa estabilidade que os caracteriza pode ser observada pelos elementos que os constituem organicamente: a construção (forma), o tema e o estilo”. Sendo assim, afirma-se que todo gênero discursivo apresenta particularidades específicas, dependendo do seu modo de apresentação

na relação com outros textos.

Bakhtin (2016) conceitua tais particularidades da seguinte maneira:

a) *tema*: tem a finalidade de provocar uma reação no leitor, garantindo a compreensão e a reação na relação dialógica;

b) *forma composicional*: implica estrutura e organização do enunciado produzido por um falante, ou seja, as palavras assumem um determinado valor conforme são empregadas pelo autor/locutor na busca da aceitação do leitor/ouvinte;

c) *estilo*: depende do modo como o locutor compreende e percebe seu destinatário, e do modo com que ele prevê sua atitude responsiva.

No momento da interação verbal, a escolha de um ou outro gênero que busque a comunicação não se configura como algo aleatório e sem objetivo, mas sim, leva em consideração elementos fundamentais que se situam na própria situação comunicativa: quem, o quê, com quem e para quê.

A atualidade tecnológica serve de atrativo e suporte para relacionar e articular novas formas de construir informação a partir de um gênero estabelecido. Não é mais possível perceber o texto como algo que teve finitude e acabamento com o ponto final, mas sim como elemento que compartilha de novos significados e interpretações. Por isso é que o texto verbalizado necessita de um aparato imagético, filmico, gráfico, entre outros, para atrair a leitura e possibilitar as relações intertextuais. A todos os novos e já existentes mecanismos que servem de fundamento ao texto inclui-se o termo multimodalidade, ou seja, as várias formas de se construir sentido.

A multimodalidade, fator marcante em charges, lembra que a semiótica humana reside nos âmbitos biológico e fisiológico. Por meio dos sentidos que o corpo humano interage com o mundo, conforme Kress (2000). Assim sendo, podemos compreender, interpretar e interagir com um texto utilizando um ou mais meios, pois somos dotados de recursos que tendem a ampliar nosso campo de informação.

Outro fator determinante na relação do texto, seu conteúdo e sentido está atrelado aos multiletramentos, às novas maneiras de produzir conhecimento dentro de determinado contexto. Conforme o Grupo de Nova Londres (2000), as linguagens necessárias para fazer sentido estão mudando radicalmente em três domínios de nossa existência: nossa vida profissional, nossa vida pública e nossas vidas pessoais. Conceitos antigos são reformulados para se adequar às novas necessidades que o meio educacional e social impõe.

Roxane Rojo (2012, p. 19) também contribui neste estudo quando aponta características que fundamentam os multiletramentos:

é o que tem sido chamado de multimodalidade ou multissemiose dos textos contemporâneos, que exigem multiletramentos. Ou seja, textos compostos de muitas linguagens (ou modos, ou semioses) e que exigem capacidades e práticas de compreensão e produção de cada uma delas (multiletramentos) para fazer significar.

As leituras previstas para esse mundo moderno necessitam de um leitor nunca ativo como antes. É preciso articular o maior número de informações num espaço de tempo cada vez menor, pois a vida atual faz essa cobrança. Ao ler é preciso também articular relações novas e cabíveis àquele

contexto, uma vez que ver não basta para saber, faz-se necessário assimilar. Isso somente é possível se o leitor possuir uma visão de mundo ampliada, se conseguir relacionar conhecimentos existentes com os que ainda estão sendo projetados, uma visão futurística dos novos suportes de comunicação.

Dessa maneira, o conceito de multiletramentos associado ao da intertextualidade são atribuições extremamente pertinentes para se fazer compreender e interpretar todo e qualquer gênero. Pois, para entender, assimilar e (re)significar é necessário fazer uso de conhecimentos já adquiridos e, ao mesmo tempo, relacionar com outros que não compõem a produção atual somente, mas que foram elencados em outras anteriores.

Toda produção textual é impulsionada por textos anteriores, nenhum texto é totalmente sozinho e original. A *intertextualidade* é fundamental na produção do texto, pois nenhum texto vem do nada. É o processo de incorporação de um texto em outro para reproduzir ou transformar o sentido, uma vez que a intertextualidade é o diálogo entre textos no plano da expressão. “A intertextualidade constitui uma das bases cruciais para os estudos e a prática da escrita, pois os textos não surgem isoladamente, mas em relação com outros textos”, de acordo com Bazerman (2007, p. 92), ou seja, é uma das formas de diálogo entre os diferentes textos que constituem o discurso.

Em muitos casos, a intertextualidade é que permitirá recuperar o sentido, já que muitos textos somente serão compreendidos quando relacionados a outros que compartilham informações comuns. É um fator de coerência e é relativo a outros textos e a outras formas textuais, sendo que ocorre intertextualidade quando um produtor do texto repete expressões, enunciados, trechos de outros textos; e o entendimento do conteúdo acontece porque há o intercâmbio constante de informações entre um e outro texto.

Na sequência, são apresentadas as concepções de Lucia Santaella quanto aos diferentes tipos de leitores, os quais estabelecem as relações diversas que desencadeiam no sentido global do texto. Essas contribuições são essenciais para o desencadeamento da análise e articulações com os conceitos apresentado.

2 COMUNICAÇÃO MODERNA: LEITORES COM NOVAS ROUPAGENS

As transformações que acompanham a modernidade não podem ser desvinculadas das diferentes formas de ver, entender e compreender o mundo que avança na busca rápida, ávida e frenética de mais e mais informações. As novas formas de ler e interpretar textos mudou, assim como se transformaram os suportes de significação e transmissão de conhecimento.

Nessa perspectiva, Santaella (2004) apresenta os tipos de leitores contemplativo (meditativo), movente (fragmentado), imersivo (virtual) e ubíquo. O primeiro tipo de leitor é o contemplativo, aquele que prefere a leitura ampliada, aproximada da obra, pois “com a leitura silenciosa, o leitor podia estabelecer uma relação sem restrições com o livro e com as palavras, que não precisavam mais ocupar o tempo exigido para pronunciá-las” (SANTAELLA, 2004, p. 20).

Esse tipo de leitor tem uma postura centrada, solitária, procura o acesso fácil ao livro, texto, obra de arte, ou seja, quer estar no mesmo ambiente que esses recursos de leitura, uma aproximação

maior. Pode ser percebido como alguém que aprende e compreende por meio do ato de meditar e contemplar a sua maneira, onde o silêncio precisa reinar.

Para o leitor movente, segundo tipo, o ato de ler configura-se como algo fragmentado, feito parte a parte, onde tudo se (re)significa, mudando para ser compreendido e facilitar o acesso à informação.

Esbarrando a todo instante em signos, signos que vêm ao seu encontro, fora e dentro de casa, esse leitor aprende a transitar entre linguagens, passando dos objetos aos signos, da imagem ao verbo, do som para a imagem com familiaridade imperceptível. Isso se acentua com o advento da televisão: imagens, ruídos, sons, falas, movimentos e ritmos na tela se confundem e se mesclam com situações vividas. Onde termina o real e onde começam os signos se nubla e mistura como se misturam os próprios signos (SANTAELLA, 2004, p. 31).

Diante disso, relaciona-se esse tipo de leitor com um transeunte ou um motorista, ou um jogador, que a todo instante o mundo muda aos olhos. Tudo se transforma e ele necessita acompanhar e transitar por essas novas informações apresentadas, não é mais possível focar num único elemento, mas sim em todos que compõem aquele momento de leitura.

O terceiro tipo de leitor, classificado como imersivo, é aquele que está conectado à era digital e faz uso dos seus suportes tecnológicos para navegar no mundo mágico da leitura. É um leitor que faz uso dos multiletramentos a todo instante, pois se depara com recursos variados que exigem novas e amplas formas de se fazer interpretar.

De acordo com Santaella (2004, p. 32), “tendo na multimídia seu suporte e na hipermídia sua linguagem, esses signos de todos os signos estão disponíveis ao mais leve dos toques, no clique de um *mouse*”. Assim, o próprio leitor escolhe seu caminho de leitura, é ele que estabelece o quê, para quê, como e onde quer estar na viagem da leitura. A autora prossegue afirmando que “diferentemente do leitor do livro, que tem diante de si um objeto manipulável, a tela sobre a qual o texto eletrônico é lido não é mais manuseada diretamente, imediatamente pelo leitor imersivo” (SANTAELLA, 2004, p. 32).

Esse leitor é livre, pode navegar por onde quiser, com um simples toque pode acessar mais e mais informações presentes em um ou outro link. O texto virtual é manipulado como um recurso que constrói conhecimento com acesso rápido e eficaz a tudo que está acontecendo no mundo, ou seja, acontece uma conectividade que liga mais e mais textos.

Como último tipo de leitor elencado por Santaella (2013), surge o ubíquo, aquele que recebe muitas nomenclaturas: novo, moderno, atual, conectado, ligado, ou seja, alguém que interage com tudo e com todos, que transita pelas e nas diversas redes, uma mescla entre os leitores moventes e imersivos, agrupando características pertinentes a ambos.

Historicamente, “o uso do adjetivo “ubíquo” tornou-se corrente no campo da computação para se referir a um tipo de computação que se localiza entre a computação pervasiva e a computação móvel”. E também, “a comunicação ubíqua envolve a integração da mobilidade com os sistemas de presença distribuída” (SANTAELLA, 2013, p. 277). Esse novo leitor surgiu para dar conta das novas formas de comunicação e suportes que fazem parte da vida cotidiana moderna, na qual todos estão conectados, em qualquer tempo e lugar. A informação chega e expande-se de maneira muito fugaz,

o que resulta em economia de tempo e, conseqüentemente, em leitores preparados para lidar com a tecnologia.

Como parte integrante deste trabalho, seguem os procedimentos metodológicos e, na sequência, a análise do *corpus*, ou seja, o entrelaçamento dos conceitos apresentados com a prática efetiva da leitura.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O *corpus* que compõe este trabalho é uma charge publicada no Jornal Zero Hora, Revista Donna, veiculada em 24 e 25 de junho de 2017. Para analisar esse gênero, utilizaram-se fundamentos teóricos da discursividade, multimodalidade, multiletramentos, intertextualidade e ubiquidade, os quais apresentam relação e interligação quanto à estrutura do trabalho.

A pesquisa apoiou-se em fontes bibliográficas e conceitos descritivos abordados na análise, além de introduzidos ao longo do texto. Em um primeiro momento, são elencadas as teorias pertinentes que embasam o trabalho, as quais, posteriormente, serão introduzidas através do *corpus*, para passar à análise.

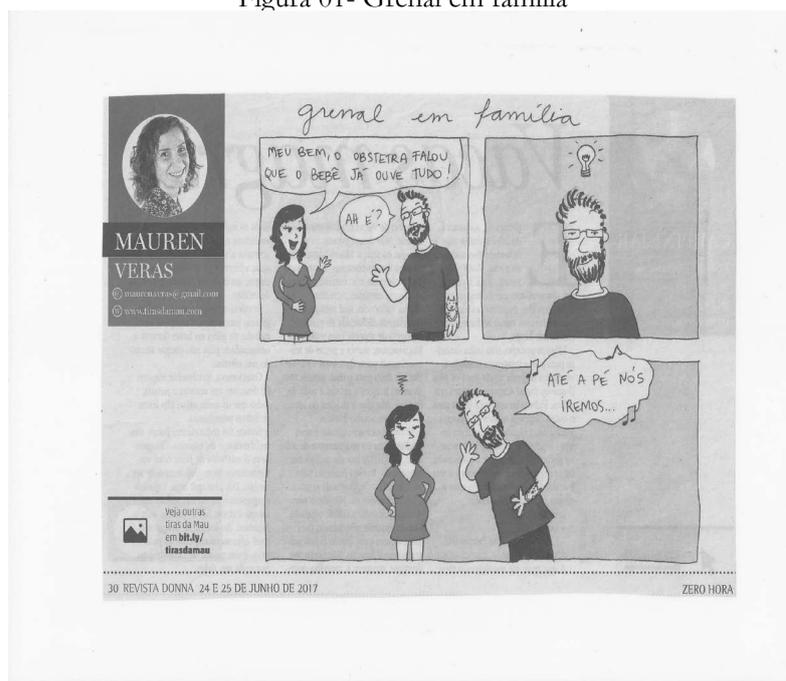
A análise desenvolveu-se com base em alguns procedimentos metodológicos, como: relações dialógicas, interação verbal, aspectos sociais, novos tipos de leitores. Estes apontamentos nortearam o trabalho de forma a mostrar que durante o processo de leitura é necessário que exista entrelaçamento não somente das teorias, mas principalmente da maneira como esta se efetiva. As cores azul e vermelha, representadas nas roupas dos personagens da charge, foram analisadas, pois reafirmaram que a multimodalidade é um recurso interpretativo discursivo. A intertextualidade explícita também amparou a análise, uma vez que estava posta no texto, representada pelas palavras.

Dessa maneira, as relações dialógicas, assim como a ubiquidade, serão abordadas como uma nova forma de construir sentido com relação ao texto explorado. Durante o processo de leitura, novos mecanismos são (re)acentuados para que o ato de ler também assuma suas múltiplas funções sociais, com novos sentidos e relações.

4 ANÁLISE DO *CORPUS* (CHARGE) COM ENFOQUE NA UBIQUIDADE

O *corpus* utilizado para análise foi uma charge publicada no Jornal Zero Hora, Revista Donna, em 24 e 25 de junho de 2017, figura 01, na qual acontece uma alusão a um dos acontecimentos mais significativos do nosso estado, em termos de rivalidade sadia no esporte: o clássico Grenal. O texto relaciona esse acontecimento com o processo de gestação, onde um novo integrante da família está por chegar e, conseqüentemente, será tricolor ou colorado, pois não existe meio termo. Optou-se por esse gênero discursivo específico devido ao fato de que ele, ao mesmo tempo em que desperta o riso, também faz uma crítica social, ou seja, busca a aceitação do leitor, por meio do humor e da abordagem de um tema polêmico.

Figura 01- Grenal em família



Fonte: Jornal Zero Hora – Revista Donna (2017, p. 30)

Ao analisar a charge, percebe-se que o sentido nela existente é possibilitado pelas diferentes formas de leitura desencadeada. Os discursos presentes no texto reafirmam essa concepção na medida em que utilizam elementos exteriores e anteriores a essa produção para que ela assuma o sentido pretendido.

Conforme é salientado, os gêneros são essenciais nas relações sociais:

Ainda que os gêneros discursivos possuam características mais ou menos estáveis, são reelaborados, ressignificados, reacentuados a cada enunciação, pois novos acentos valorativos se inscrevem nas práticas discursivas, como um tom mais ou menos respeitoso, alegre, afetivo, que passam a refletir a individualidade do falante e a movimentar efeitos de sentido (XXXX, 2011, p. 182).

Assim sendo, evidencia-se que o duelo de cores é histórico no RS: Maragatos e Chimangos já disputavam a vitória de seus ideais e a glória em ostentar a sua bandeira. Aqui, ainda impera a resistência e o rosa continua sendo uma cor *feminina* e o azul representa o *masculino*. Herdamos o hábito de cuidar das pessoas de cabelos brancos, a dar-lhes a importância que merecem. Dessa forma, pode-se afirmar que o texto insere-se num contexto próprio de criação, uso e divulgação.

O verde dos campos e das matas estão presentes em nossas canções nativistas e na consciência ecológica que temos de que a preservação seguirá para os herdeiros do pampa, pois o dourado dos campos de trigo e outras plantas (já seca), prontas para serem colhidas indica como será o novo ano, economicamente falando.

No esporte, não poderia ser diferente: aqui as cores vermelho e azul convivem em paz, ao ponto de poder, nos jogos do GRENAL, a disputa ser acompanhada por torcidas mistas. Sim, colorados e gremistas dividem o mesmo espaço, sem maiores problemas. É uma disputa saudável, embora quando uma família espera por um rebento (filho, herdeiro) os pais testem o seu poder de persuasão,

tentando convencer o futuro herdeiro (a) a ser azul ou vermelho.

Destacamos que neste texto em questão, o seu sentido global é desencadeado quando é levado em conta o texto verbalizado mais o imagético, pois assim o leitor tem uma visão ampliada das intenções linguísticas desencadeadas com essa produção, significadas pelo seu cunho crítico-humorístico. Também é de suma importância estabelecer a ligação entre quem lê e quem escreve, pois a todo o momento um trabalha a palavra para satisfazer as expectativas do outro, uma vez que não é possível estabelecer uma troca verbal sem a participação do outro, acontecendo assim a relação dialógica.

Nesse sentido, Bakhtin (2016, p. 24-25) afirma que

[...] o ouvinte, ao perceber e compreender o significado (linguístico) do discurso, ocupa simultaneamente em relação a ele uma ativa posição responsiva: concorda ou discorda dele (total ou parcialmente), completa-o, aplica-o, prepara-se para usá-lo [...] Toda compreensão da fala viva, do enunciado vivo é de natureza ativamente responsiva (embora o grau desse ativismo seja bastante diverso); toda compreensão é preche de resposta, e nessa ou naquela forma a gera obrigatoriamente: o ouvinte se torna falante.

As imagens e o silêncio também fazem parte dessa relação dialógica estabelecida na charge, pois, ao simplesmente ouvir os dizeres e ficar pensando, no segundo quadrinho, o homem também estabelece uma ponte de troca comunicativa. Por isso é necessário compreender que esses elementos multimodais contribuem para estabelecer a relação entre os participantes desse processo, pois são pessoas se revelam conforme o tempo e espaço em que estão inseridas, ou seja, um contexto marcado.

O mesmo processo acontece ao final do texto, quando, no último quadrinho, a mulher não responde mais ao dizeres do homem, ela não apela à argumentação, ou seja, deixa claro que, diante do exposto, não precisa e nem adianta mais falar. A mãe, colorada fanática, com seu rubro vestido, explica ao pai gremista que “o bebê já ouviu tudo”. Com certeza, o que ela quis dizer é que os filhos aprendem pelo exemplo. O pai, encantado com a ideia, começa a entoar, em alto e bom som, o hino tricolor: “Até a pé nós iremos...”.

Ao observar a imagem do texto, é necessário recorrer aos mecanismos linguísticos para entendê-la no contexto, pois como se costuma afirmar “uma imagem vale por mil palavras”, mas não é possível dizer isso sem fazer uso das palavras. Assim, no gênero discursivo multimodal charge palavra e imagem estão atreladas para despertar o interesse do leitor.

É um texto que pode ser explorado pelo viés dos multiletramentos, pois o sujeito precisa compreender conceitos conhecidos para estabelecer o sentido e relacioná-lo com a realidade, uma vez que a charge é um gênero que transita por vários suportes e representa a interação social. De acordo com o Grupo de Nova Londres (2000), as pessoas criam e inovam através da hibridização, isto é, articulando de novas maneiras, práticas e convenções estabelecidas dentro e entre diferentes modos de significado, uma vez que a significação não acontece sempre da mesma forma, mas é preciso relacionar e convencionar a outros momentos enunciativos.

Por esse motivo, é que o texto, analisado como corpus deste trabalho, faz uso ao longo de toda a sua significação dos mecanismos do multiletramentos, pois o leitor tem a necessidade de adequar-se a essa nova realidade discursiva para compreender o sentido global, ou seja, conhecer novas culturas e

ideologias presentes no termo GRENAL.

Roxane Rojo (2012, p. 23) traz forte contribuição a este estudo quando afirma que “uma das principais características dos novos (hiper)textos e (multi)letramentos é quer eles são interativos, em vários níveis (na interface, das ferramentas, nos espaços em rede dos hipertextos e das ferramentas, nas redes sociais, etc.)”, desencadeando uma relação direta com os novos leitores concebidos por Lucia Santaella (2004, 2013). Dessa forma, a compreensão do texto estaria condicionada ao tipo de leitor que se encontra pelo caminho, ou seja, diferentes maneiras de se adequar a mesma informação ao seu mundo de multimodalidades.

Encontra-se em Bakhtin (2016) que, no gênero, a palavra comporta certa expressão social porque os gêneros correspondem a circunstâncias e temas típicos da interação social, o que acarreta significações específicas da palavra com relação à realidade concreta. Assim sendo, a linguagem verbalizada reflete uma realidade na qual: “*Até a pé nós iremos*”, significa muito mais do que um verso do hino gremista, mas uma vasta possibilidade de leituras, amparadas nas concepções das novas práticas. Não é somente um que adere ao chamamento, mas todos, pois a terceira pessoa do plural, seguida do verbo, desencadeia a compreensão de totalidade, grupo, junção em prol de um objetivo comum, a vitória no campo de futebol e na vida.

Também estabelece uma relação intertextual, uma vez que recorre a uma letra consagrada do Hino Gremista para desencadear sentido. A intertextualidade está marcada, explícita, pois apresenta recursos concretos, como a expressão *até a pé nós iremos*, próprio de outro gênero, para relacionar o sentido à charge. Conforme Bazerman (2007, p. 92), “nossa leitura e nossa escrita dialogam entre si à medida que escrevemos, em resposta direta ou indireta ao que havíamos lido anteriormente; e lemos relacionando as ideias que havíamos articulado em nossa própria escrita”. Dessa maneira, constata-se que o texto está relacionando-se com produções anteriores, em outros momentos do discurso.

A multimodalidade é representada pela imagem, o homem apresenta-se com a cor que representa o time do Grêmio, enquanto que a mulher ostenta seu traje, vestido, vermelho. O vermelho remete à paixão, pois essa cor é o símbolo do amor, da alegria, da vida e vendo a mulher em seu vestido fica mais evidente o seu poder de sedução. Sem o recurso da imagem, esse texto não teria o mesmo valor, pois uma imagem diz muito e essa assume significados relevantes: representa um duelo de ideologias, baseadas no espírito da rivalidade esportiva.

Na concepção de Kress (2000), a multimodalidade acompanha a era atual estabelecendo certo grau no qual a intenção de produção e interpretação coincide dependendo do contexto de uso e do sentido pretendido. Por se tratar de um gênero discursivo que faz uso da imagem, é que o *corpus* em questão traz como tema central a paixão por um dos times de maior influência no estado, que é abordada pelo elemento concreto das cores e pela significação dessas no campo do relacionamento.

Esse texto está impregnado de aspectos sociais, inseridos em uma determinada situação social que nunca se repete/atemporalidade/outro tempo, ou seja, foi produzido para demonstrar que certos prazeres da vida, como o futebol, fazem parte da vida do público feminino e também do masculino, entrelaçado com a paixão pelo filho que está sendo esperado. A utilização do termo *obstetra* reflete um posicionamento crítico perante os conceitos médicos, conhecimento específico da nomenclatura que

recebe o profissional que acompanha a gestação e o nascimento. Ele tem o amparo para falar sobre o que se deve ou não fazer, as regras precisam ser respeitadas para que o filho tenha saúde e sucesso na vida.

Santaella (2004, 2013) afirma que, os novos tempos exigem que os leitores adquiram novas roupagens, isto é, que estabeleçam relação de sentido com tudo e com todos que estão presentes ao seu entorno. Os meios de comunicação atuais necessitam que façamos uso de todos os conhecimentos que temos assimilado (discursividade, multimodalidade, multiletramentos, intertextualidade, ubiquidade), porque um texto não pode ser lido e interpretado somente por um viés, mas necessita ser compreendido pela concepção dos multi.

O primeiro leitor, elencado como *contemplativo*, teria uma relação isolada e silenciosa com o texto, recolhido em seu ambiente de meditação e de material impresso. O leitor *movente*, segunda designação, poderia fazer uma leitura em meio à multidão, estaria num ambiente de interação social, buscaria outros olhares, posturas, gestos, enfim, transitaria pelo texto. Com o surgimento da virtualidade, é necessário algo mais inovador, isto é, um leitor que além de decifrar códigos também estabeleça relações entre os conceitos e mundos; alguém disposto a inovar, surge então o terceiro tipo, o *imersivo*.

Porém, as mudanças impostas no e pelo meio social e tecnológico necessitam de algo a mais, um leitor que transite por todos os espaços e mundos, alguém que vislumbre conhecer e interagir com tudo ao mesmo tempo. Então, surge o leitor da atualidade, o *ubíquo*, aquele que faz a junção de todos os tipos anteriores e ainda acrescenta todos os mecanismos que remetem ao termo multi. Isto é, o leitor das massas, das multidões, dos mecanismos digitais e de todas as mídias necessárias.

É por esse viés de análise que estruturamos o trabalho: um leitor que tem na ubiquidade todos os recursos para conseguir (re)significar elementos que já eram de domínio público. A leitura feita amparou-se nessa nova concepção, pelo fato de que hoje é uma necessidade da comunicação e de acordo com Santaella (2013, p. 282), “o que estou chamando de leitor ubíquo não é outra coisa a não ser uma expansão inclusiva dos perfis cognitivos dos leitores que o precederam e que tem por tarefa manter vivos e ativos”, isto é, uma versão moderna que tudo aquilo que a História conta.

Então começamos a pensar o que ele pretendia com isso: que o filho seja uma pessoa persistente, determinado na realização de seus objetivos; que ele (pai) será companheiro de seu filho na jornada da vida; se pensa em ter um filho *fitness* que vai amar o esporte. Enquanto a mãe pensa que ele pode estar praticando bullying com quem não tem veículo motorizado, pois Lupicínio Rodrigues compôs essa letra, em 1953¹, porque o Grêmio era o time dos humildes, ou ainda que o custo de vida estando tão alto, quando o filho chegasse teriam que abrir mão do conforto do carro próprio, procurando outro meio mais barato de se locomover para poderem, com essa economia, prover as necessidades do filho.

A mãe vê o filho vencendo todas, tornando-se o orgulho do *desporto nacional*, exaltado e ad-

¹ Em 1953 o Grêmio decidiu realizar concurso entre os torcedores para criar um hino comemorativo devido ao cinquentenário da instituição. Um dos participantes de tal concurso foi Lupicínio Rodrigues, gremista fanático e grande nome da música nacional, que viria a ganhar o concurso com sua composição. O hino foi composto por Lupicínio no Restaurante Copacabana, na cidade de Porto Alegre, sendo que, pelo brilhantismo de sua composição, acabou desbancando o então hino oficial, composto por Breno Blauth, de 1946, e se tornou o hino atual do clube (Site oficial do clube).

mirado por suas conquistas extraordinárias. Não sabemos ainda o que há de ser o futuro desse bebê, mas com certeza será um gaúcho muito guapo, valente, aguerrido e bravo, pois terá marcado na alma o amor pelo Rio Grande e por uma dessas cores que tão bem nos representam.

Através das relações dialógicas (BAKHTIN, 2016) é possível perceber e reconhecer quem tem o poder e quem é o dominado; quem é o detentor do saber e quem é o discípulo, ou seja, é pela fala de um e de outro no processo dialógico que entra em cena a luta de classes, pois a palavra remete à percepção de ambas as posições ocupadas. Dessa maneira, é possível relacionar os verbos: *falou*, *ouve* e *iremos*, os quais se apresentam em ordem cronológica, passado, presente, futuro, ou seja, uma ação já praticada, outra que está acontecendo e outra que, possivelmente, irá acontecer.

Esse texto evidencia-se como um exemplo claro de que as múltiplas linguagens estão presentes para construir sentido. É possível adequá-lo ao contexto de sala de aula, pois apresenta como elemento gramatical de destaque os verbos no tempo presente, passado e futuro, mas para saber relacionar isso com a realidade é necessário que se tenha conhecimento de que existe uma ordem tanto na distribuição dos acontecimentos: primeiro a fala do obstetra, na sequência, o que o bebê já sente e, finalmente, o que se quer projetar como ideologia futura na criança que vai nascer.

Pensar é operar muitas linguagens e, como afirma Bakhtin (2016), a linguagem é uma arena das lutas sociais, onde são refletidas e refratadas as menores mudanças sociais. Forja-se na dialética entre o que já está estabelecido e aquilo que será. Não existe nenhum ato humano que não esteja atrelado à linguagem, em todos os momentos do cotidiano é necessário estabelecer a troca de palavras com o outro para entender o meio social em que se vive.

Qualquer atitude está marcada pelo processo da língua, pois ela é o nosso mecanismo de comunicação com o outro e com o mundo. Dessa maneira, é possível relacionar o verbo *iremos* do final do texto, o qual pode designar as suas múltiplas leituras. Para que exista o processo comunicativo satisfatório, é necessário que todos os envolvidos tenham um conhecimento prévio no sentido de entender as relações estabelecidas pelo diálogo desenvolvido no momento presente.

Além do discurso atual, é preciso perceber que ele está impregnado de elementos anteriores ao momento do dizer, pois nenhum discurso surge do nada, mas sim carrega consigo dizeres de outros momentos enunciativos. As cores vermelha e azul desencadeiam o sentido de que já é de conhecimento de todos os leitores o fato de que a paixão pelo esporte está no sangue, e é repassada de geração em geração.

Todas essas novas visões de análise e sentido somente são conseguidas quando “se veste a roupa” do atual e mais novo leitor: o ubíquo, o qual traz consigo todas as marcas que permeiam os novos textos os tempos modernos. As relações sociais, familiares, de trabalho, enfim, humanas sofreram forte influência dos meios tecnológicos, porém, através do recurso da ubiquidade, é possível estabelecer novos paradigmas e saberes.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com relação à análise da charge, foi possível constatar que esse gênero discursivo multimo-

dal associa tanto o verbal como o imagético e principalmente a questão das relações intertextuais no processo comunicativo. O sentido compreendido depende da relação de leitura desencadeada pelos diferentes tipos de leitores, pois está atrelado a um contexto específico que leva em consideração elementos anteriores e exteriores ao momento de sua produção.

A questão norteadora: o texto verbalizado e o imagético inseridos em um gênero discursivo multimodal – charge – estabelecem uma relação intertextual com os novos tipos de leitores fez-se presente e materializou-se do princípio ao fim, uma vez que não existe produção textual atual que não esteja atrelada a textos produzidos anteriormente.

O objetivo deste artigo: analisar as relações intertextuais estabelecidas pelos diferentes tipos de leitores na comunicação foi alcançado. Através das novas concepções de leitores, os quais se desdobram para estabelecer os novos sentidos da era moderna, é que o texto realmente constitui-se como elemento integrante e atuante no discurso.

Aliando nesse trabalho teoria e prática, foi constatado que somente no momento em que ocorre a relação entre as pessoas é possível perceber a materialidade da língua, pois somente assim ela cria vida e passa a ditar as regras do jogo. É nessa troca verbal que se situa todo o sentido pretendido pelos textos, uma vez que através das palavras e imagens é possível inserir sua maneira de ser e viver.

A teoria desenvolvida por Santaella (2004, 2013), a qual fundamentou a pesquisa, é essencial quando se pretende falar de texto, leitura e leitores em processos de troca verbal, porque não existe alguém que produza ou leia para si mesmo, mas somente sujeitos que, através de multimodalidades, trocam experiências e colocam a língua em um mecanismo de funcionamento.

O estudo contribuiu mostrando que as teorias e categorias de análise aqui elencadas estão presentes nas atividades mais corriqueiras do cotidiano e não somente nas conversas culturais ou filosóficas, uma vez que os conceitos formulados pelos autores estão inseridos em todo e qualquer texto, e em qualquer situação comunicativa. Essa análise foi apenas um esboço de estudo, pois os conceitos abordados podem e devem ser explorados com maior complexidade por toda e qualquer área do saber, já que são atuais e necessários a qualquer manifestação que aborde os gêneros discursivos.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, Mikhail. Os gêneros do discurso. In: _____. *Os gêneros do discurso*. Organização, tradução, posfácio e notas Paulo Bezerra. 1. ed. São Paulo: Editora 34 Ltda., 2016. p. 11-69.

BAZERMAN, Charles. Intertextualidades: Volosinov, Bakhtin, Teoria Literária e Estudos do Letramento. In: _____. *Escrita, gênero e interação social*. HOFFNAGEL, Judith; DIONISIO, Angela P. (Orgs.). São Paulo: Cortez, 2007. p.92-109.

XXXXXX. XXXXXXXX. *Desenredo*, Passo Fundo, RS, v. 6, n° 21, p. 137-263, jul./dez. 2010.

KRESS, Gunther. Multimodality. In: COPE, Bill; KALANTZIS, Mary. *Multiliteracies: literacy learning and the design of social futures*. London: Routledge, 2000. p. 182-202.

ROJO, Roxane. Pedagogia dos multiletramentos: diversidade cultural e de linguagens na escola. In:

ROJO, Roxane; MOURA, Eduardo (Orgs.). *Multiletramentos na escola*. São Paulo: Parábola Editorial, 2012. p. 11-31.

SANTAELLA, Lucia. Três tipos de leitores: o contemplativo, o movente e o imersivo. In: _____ *Navegar no ciberespaço: o perfil cognitivo do leitor imersivo*. São Paulo: Paulus, 2004. p. 15-35.

_____. O leitor ubíquo. In: _____ *Comunicação ubíqua: repercussões na cultura e na educação*. São Paulo: Paulus, 2013. p. 265-283.

THE NEW LONDON GROUP. A pedagogy of Multiliteracies: designing social futures. In: COPE, Bill; KALANTZIS, Mary. *Multiliteracies: Literacy learning and the design of social futures*. London: Routledge, 2000. p. 9-37.

Ernani Cesar de Freitas

Doutor em Letras (PUC-RS), com pós-doutorado em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem (PUC-SP). Experiência na área de Letras, com ênfase em Língua Portuguesa e Linguística Aplicada. Professor (Titular) de Ensino Superior na Universidade Feevale, Programa de Pós-graduação em Processos e Manifestações Culturais, e professor permanente no PPG em Letras na Universidade de Passo Fundo (RS).
E-mail: ecesar@upf.br

Viviane Demetrio da Silva Scariot

Doutoranda em Letras – UPF. Mestre em Letras – UPF/2013. Professora da Escola de Ensino Fundamental Geração Saber e professora ensino fundamental - anos finais da Prefeitura Municipal de Sananduva – RS. Atua também como professora particular e revisora de textos. E-mail: vividds@yahoo.com.br

Enviado em 30/03/2018.

Aceito em 30/05/2018.